

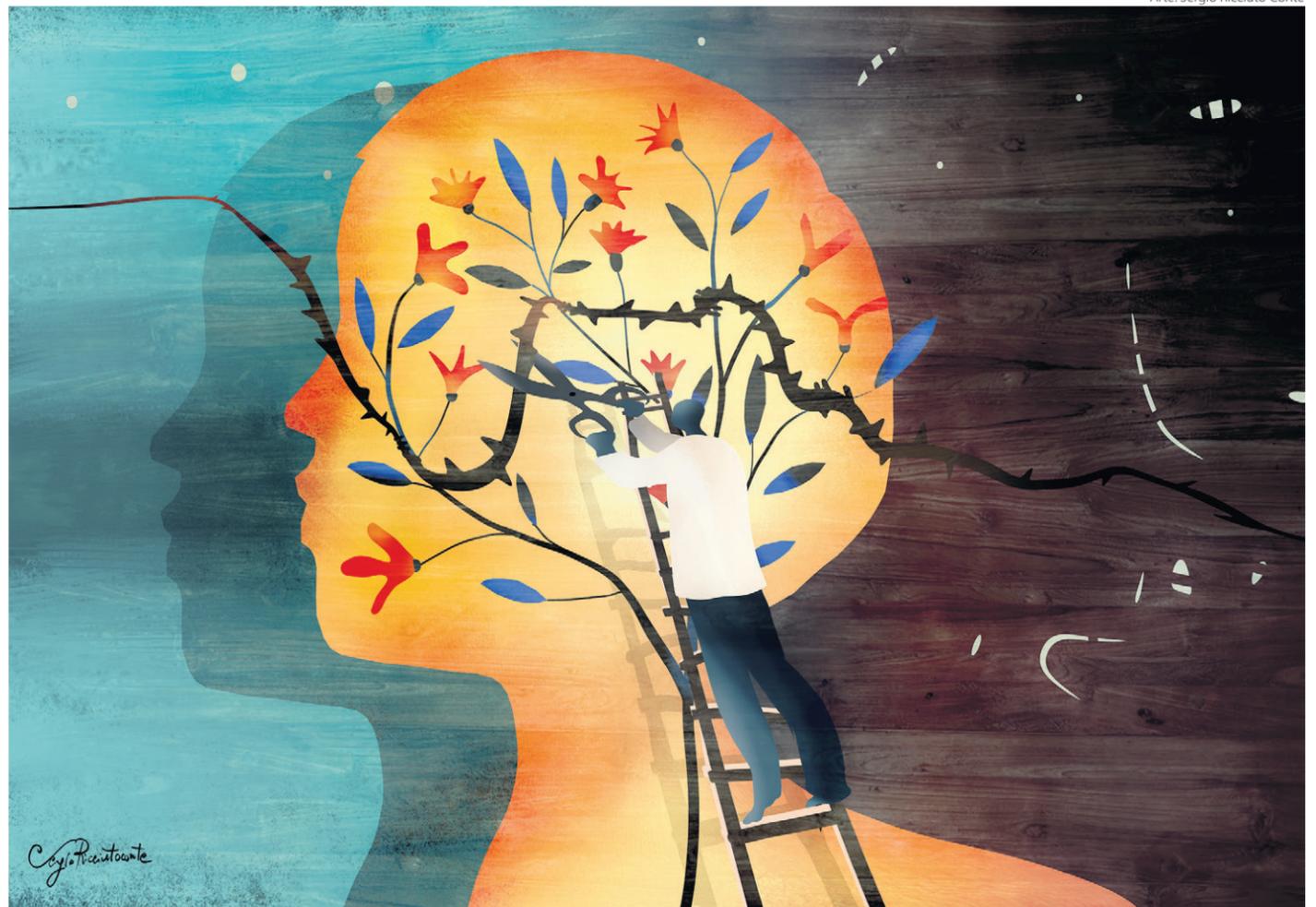


Use o QRCode para  
acessar o Caderno  
Fé e Cidadania  
na internet, com  
mais artigos e links  
citados.

## A defesa da vida e os desejos mais profundos de nosso coração

Francisco Borba  
Ribeiro Neto\*

*No Brasil, a partir de uma iniciativa da CNBB, de 2005, o mês de outubro é tradicionalmente dedicado à defesa da vida. Assim, nesta edição do Caderno Fé e Cidadania, nos debruçamos sobre este tema, sob um enfoque menos frequente. Perguntamo-nos: Qual seria a postura humana mais capaz de se abrir para a defesa da vida? Como estimular essa postura em nossos dias? A resposta a essas perguntas nos leva a um percurso, que começa da compreensão da nossa experiência humana, dos desejos mais profundos de nosso coração, até a acolhida concreta às pessoas em dificuldade. Um percurso que precisa, cada vez mais, ser iluminado pela fé.*



Arte: Sergio Ricciuto Conte

A defesa da vida não é uma luta “confessional”. Todos os dias damos conta de como tendemos naturalmente a nos alegrarmos com as crianças, a nos enternecermos com nascituros mostrados em imagens de ultrassom, a planejarmos nossas vidas em função de nossos filhos, a nos comovermos com a sobrevivência dos idosos, a sentirmos empatia com as dores dos que sofrem e dos que estão às portas da morte. Todas essas vivências cotidianas nos mostram o quanto o amor e a defesa da vida correspondem à nossa natureza. Descobrimos a nossa própria humanidade diante da fragilidade da vida e da necessidade de acolhê-la e protegê-la.

Se é assim, por que a chamada “cultura da morte” se expandiu tanto em nossos tempos? Que estranha barbárie é essa que faz com que nossa civilização, cada vez mais sofisticada e, aparentemente, autoconsciente, negue cada vez mais as nossas experiências mais humanas? Muitos sábios cristãos, particularmente ao longo do século XX, apontaram o problema. Segundo São João Paulo II (cf. *Evangelium vitae*, EV 22), o eclipse do sentido de Deus leva ao eclipse do sentido de nossa própria humanidade.

De fato, a luta pela vida não é

confessional, está inscrita em nossa humanidade. Mas essa humanidade não se manifesta mecanicamente em nossa vida. Somos seres livres e contraditórios, precisamos empenhar adequadamente nossa liberdade para realizar plenamente nossa humanidade... Esse empenho pode acontecer na vida de qualquer ser humano. Contudo, como observa Bento XVI no início da Conferência de Aparecida:

### Defesa da vida, beleza e esperança

Há uma grande luta da Igreja pela vida [...] Parece-me que na base destas legislações [que propõem o direito de abortar] haja por um lado um certo egoísmo e, por outro, uma dúvida sobre o futuro. E a Igreja responde sobretudo a estas dúvidas: a vida é bela, não é algo duvidoso, mas é um dom e também em condições difíceis a vida permanece sempre um dom. Portanto, voltar a criar esta consciência da beleza do dom da vida. E depois, outra coisa, a dúvida do futuro: naturalmente, há

“Onde Deus está ausente, o Deus do rosto humano de Jesus Cristo, estes valores não se mostram com toda a sua força, nem se produz um consenso sobre eles. Não quero dizer que os não crentes não podem viver uma moralidade elevada e exemplar; digo somente que uma sociedade na qual Deus está ausente não encontra o consenso necessário sobre os valores morais e a força para viver segundo a

pauta desses valores, também contra os próprios interesses” ([Discurso na sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe](#)).

O encontro com Cristo desperta nossa humanidade, tantas vezes adormecida diante do cotidiano banalizado, das esperanças perdidas, dos sofrimentos e das injustiças. Quem olha, com coração sincero, para o mais íntimo de seu ser, descobre que optar pela vida é a posição mais condizente com seus desejos mais profundos. A realização da pessoa não coincide obrigatoriamente com a ausência da dor, mas sim com um amor que consegue ser maior do que a própria dor.

Tal amor não pode nascer da posição voluntarista e autocentrada típica de nossa cultura. Ele só pode nascer como resposta a um amor maior, um amor que, segundo o sugestivo neologismo do Papa Francisco (*Evangelii gaudium*, EG 24), nos “primeira”, isso é, vem primeiro, nos alcança antes. Descobrir e anunciar esse amor é a forma mais radical, no sentido de estar nas origens, de uma verdadeira “cultura da vida”.

\* Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do O SÃO PAULO.

# A experiência na qual nos reconhecemos como pessoas

Dalton Luiz  
de Paula Ramos\*

Quando o tema de reflexão é a pessoa humana, como acontece na bioética, tratamos de uma realidade que cada um de nós já conhece de alguma forma, pois cada um de nós é pessoa. Mas o que significa ser pessoa? Como podemos conhecê-la, superando a subjetividade de cada um e criando uma visão compartilhada e coerente? As ciências, tais como a Biologia, a Medicina, a Sociologia ou a Psicologia, podem e devem ser empregadas, mas não são suficientes. Não é, por exemplo, a genética ou a fisiologia que me dizem quem sou eu. Também existem muitos conceitos de pessoa espalhados pela Filosofia, pela teoria do Direito e pelas Ciências Humanas – mas que não chegam a um consenso.

Intuímos que ser pessoa vem antes de ser cidadão. Enquanto a dignidade e os direitos do cidadão dependem do corpo social e da submissão do indivíduo às normas da sociedade, a pessoa tem dignidade e direitos inerentes a seu existir. Qual será essa experiência que nos leva a perceber essa dignidade que não depende de nossas ações nem nos pode ser tirada; que antecede, inclusive, nosso pertencer a um corpo social?

**A experiência elementar.** Conhecemos a realidade a partir de nossas experiências e da elaboração intelectual que fazemos delas. Contudo, vivenciamos muitas coisas sem percebermos seu significado – por exemplo, só nos damos conta da importância da respiração quando nos falta o ar. A experiência implica, pois, uma inteligência do sentido das coisas, de sua relação com a totalidade de nossa vida, de nosso destino.

Se observamos com atenção para nós mesmos e para aqueles que nos cercam, veremos que existe uma “experiência elementar” que está na base de todo gesto ou posicionamento humano: são exigências (como a de felicidade e justiça) e evidências fundamentais (como a própria existência e a da realidade). Esse ímpeto original está na base tanto da religiosidade (GIUSSANI, L. *O senso religioso*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2023) quanto de toda a interioridade humana (cf. MAHFOUD, M. *Experiência elementar em psicologia: aprendendo a reconhecer*. Brasília: Universa, 2012).

**Em sala de aula.** Não é o propósito aqui fazer aprofundamentos teóricos. Prefiro exemplificar mostrando como costume apresentar essa ques-

*O que está em jogo nas grandes questões que interessam à bioética não se resolve somente com um eficaz acesso à informação científica. É necessário sempre resgatar o significado do que vem a ser a pessoa humana em todo o seu valor e dignidade. Buscar conhecer a integralidade da experiência de ser pessoa é um aspecto central na reflexão bioética.*



*A ciência e a caridade (Picasso, 1897). O médico diagnostica o doente, sem olhar para ele, enquanto a freira lhe oferece chá e carrega seu filho: a complementariedade entre ciência e amor, necessária para a justa compreensão do sofrimento humano.*

tão a meus alunos na universidade. Existe, na prática clínica dos profissionais de saúde, uma tendência de desnivelamento e poder entre eles e seus pacientes, levando a situações de distanciamento e/ou instrumentalização – no jargão da bioética, de desumanização.

Como, enquanto professor de bioética, posso ajudar a despertar um respeito verdadeiro – que não esteja à mercê de um sentimento, ainda que generoso e prudente, ou de um instante passageiro – mas que nasce do fato do outro ser uma pessoa, irreduzível a opiniões, reações ou vontades? Provocando os meus alunos a julgar tudo a partir das exigências do próprio coração, suscitando sua “experiência elementar”. Não se trata de apontar para um sentimentalismo, uma emotividade, que poderia receber muitas críticas. Trata-se de resgatar experiências, mesmo que intuitivas, do significado antropológico, ontológico, do que significa ser pessoa humana.

Costumo propor aos estudantes um problema: como deve agir um profissional da saúde que diagnostica em seu paciente uma doença grave, que implica em tratamentos invasivos e dolorosos, de risco, como cirurgias ou quimioterapias? Os alunos, imbuídos das melhores intenções, propõem que o profissional seja atencioso e

esclareça adequadamente o paciente, oferecendo-lhe todas as informações necessárias para entender a doença e o tratamento proposto.

Nesse ponto, proponho um aditivo ao problema: mesmo esclarecido, o paciente declara que se recusa a se submeter a tais tratamentos. Os alunos, então, falam em insistir com os argumentos, mas, se ele continuar não concordando, concluem que o profissional tem de respeitar a opinião do paciente. Cada um seguirá seu caminho, afinal existem muitos outros pacientes a serem atendidos, e o profissional já fez sua parte.

Nessa etapa da discussão, incorporo um terceiro elemento: o paciente não deverá ser concebido como uma pessoa qualquer, mas como um parente ou um amigo muito querido. Além disso, o aluno deverá se imaginar como o profissional da questão. E aí se instala o caos na sala de aula. Surgem comentários do tipo: “não sei como lidar com essa situação” ou “melhor que procure outro profissional”. Inseguranças à parte, destaco para os alunos que, a partir do reconhecimento do outro em um rosto que identifico com as minhas próprias experiências de vida, a realidade revela-se em outra dimensão, muito mais abrangente.

Surge um inevitável incômodo, pois não se pode deixar de reconhe-

cer nesse outro (paciente, parente ou amigo) um valor e uma dignidade diante da qual já não posso mais aceitar, com a mesma passividade, a eventual recusa ao tratamento. Crescerá o empenho nos mesmos processos anteriormente indicados, como o esforço em explicar e esclarecer. Os alunos não conseguem mais ficar indiferentes aos desdobramentos da recusa do paciente em aderir ao tratamento.

Mesmo tratando-se de um exercício teórico, quero que meus alunos aprendam a julgar tudo tendo como critério a própria experiência. A realidade se torna evidente na experiência. Partamos, para um segundo passo.

**O embrião e toda a realidade.** Uma das mais debatidas e importantes questões da bioética é “o que é o embrião?”. Somente um aglomerado de células, que podemos eliminar ou usar para múltiplas finalidades, até mesmo para salvar outras vidas humanas? Ou uma nova vida humana, cuja dignidade se deve respeitar e proteger?

A ciência pode descrever os diferentes momentos da vida do embrião, informando-nos sobre os fenômenos biológicos – e é bom que assim o faça, porque nos permite diagnósticos precoces e intervenções terapêuticas. No entanto, com base nessas informações, podemos apenas conhecer aspectos dessa realidade, que se chama embrião humano, mas não podemos, só com elas, interpretar o que vem a ser verdadeiramente o embrião. Podemos entender um pouco como ele é, mas só com isso, não podemos dizer qual é seu significado, a verdade sobre ele. E essa realidade, o embrião humano, não pode prescindir dos significados oriundos de fontes diversas da científica, como os valores que lhe são atribuídos.

Encontraremos, é claro, uma diversidade de opiniões e concepções. As mais consistentes serão aquelas que incorporarão, em suas considerações, o maior número de fatores envolvidos e que não se deterão em um ou outro aspecto. Para conhecer a realidade de forma realmente humana, não basta a ciência, precisamos da interpretação que só podemos fazer a partir das mais profundas experiências humanas, do envolvimento do nosso “coração”.

\* Professor Titular de Bioética e presidente da Comissão de Ética da USP; Ex-Membro da Pontifícia Academia Pro Vita do Vaticano (2003 a 2023)

# O eclipse do sentido de Deus e do ser humano

Reivindicar o direito ao aborto, ao infanticídio, à eutanásia, e reconhecê-lo legalmente, equivale a atribuir à liberdade humana um significado perverso e iníquo: o de um poder absoluto sobre os outros e contra os outros. Mas isto é a morte da verdadeira liberdade: “Em verdade, em verdade, vos digo: todo aquele que comete o pecado é escravo do pecado” (Jo 8, 34).

Quando se procuram as raízes mais profundas da luta entre a “cultura da vida” e a “cultura da morte”, não podemos nos deter nesta noção perversa de liberdade. É necessário chegar ao coração do drama contemporâneo: o eclipse do sentido de Deus e do ser humano, típico de um contexto social e cultural dominado pelo secularismo [...] Perdendo o sentido de Deus, tende-se a perder também o sentido do ser pessoa, da sua dignidade e da sua vida; por sua vez, a sistemática violação da lei moral, especialmente na grave matéria do respeito à vida humana e à sua dignidade, produz uma espécie de ofuscamento progressivo da capacidade de ver a presença vivificante e salvífica de Deus [...]

“Sem o Criador, a criatura não subsiste [...] Se esquece Deus, a própria criatura se obscurece” (*Gaudium et spes*, GE 36). O ser humano não mais consegue perceber-se como “misteriosamente outro” face às diversas criaturas terrenas; consi-

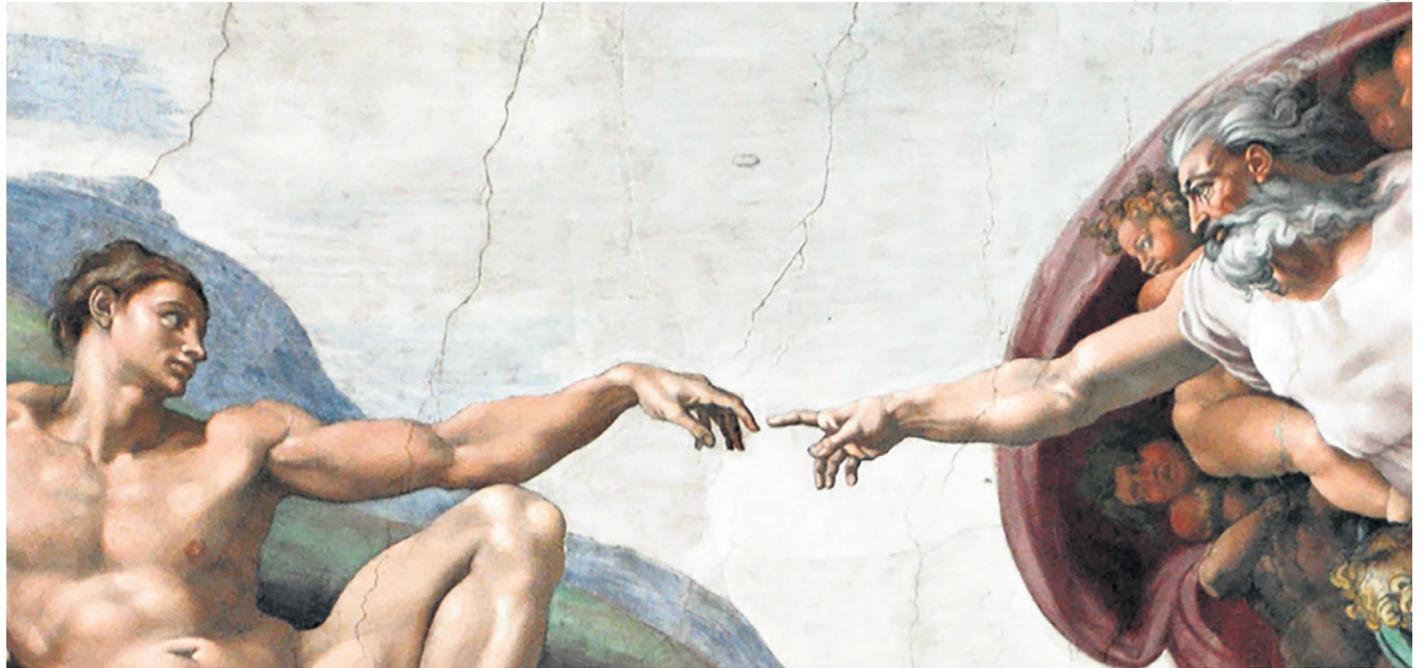
*São João Paulo II na Evangelium vitae (EV 21-22) nos mostra como a “cultura da morte” nasce da perda do sentido de Deus e da capacidade de mergulhar a fundo na própria experiência humana.*

dera-se apenas como um de tantos seres vivos, como um organismo que, no máximo, atingiu um estado muito elevado de perfeição. Fechado no estreito horizonte da sua dimensão física, reduz-se de certo modo a “uma coisa”, deixando de captar o caráter “transcendente” do seu “existir humano”. Deixa de considerar

a vida como um dom esplêndido de Deus, uma realidade “sagrada” confiada à sua responsabilidade e, conseqüentemente, à sua amorosa defesa, à sua “veneração”. A vida torna-se simplesmente “uma coisa”, que ele reivindica como sua exclusiva propriedade, que pode plenamente dominar e manipular.

Diante da vida que nasce e da vida que morre, a pessoa já não é capaz de se deixar interrogar sobre o sentido mais autêntico da sua existência, assumindo com verdadeira liberdade estes momentos cruciais do próprio “ser”. Preocupa-se somente com o “fazer”, e, recorrendo a qualquer forma de tecnologia, busca programar, controlar e dominar o nascimento e a morte. Estes acontecimentos, em vez de experiências primordiais que requerem ser “vividas”, tornam-se coisas que se pretende simplesmente “possuir” ou “rejeitar”.

Detalhe da obra “Criação de Adão Capela Sistina” de Michelangelo



## Bioética, autonomia e liberdade como satisfação total

Giampiero Aquila\*

Estamos em um ano olímpico e os heróis que nos foram oferecidos como modelos de vida são aqueles que, com o seu esforço, alcançaram o sucesso, obtendo uma medalha. Quem não chegou será esquecido, só os vencedores ficam nos livros da história do esporte!

Como observa Byung-Chul Han, em *A sociedade do cansaço* (Petrópolis: Vozes, 2015), a busca frenética pelo sucesso é a grande escravidão do nosso tempo. Nisso encontramos um aspecto importante e verdadeiro da nossa vida: a necessidade de nos colocarmos em condições de alcançar a meta do nosso desejo, seja ele grande ou seja pequeno, é uma necessidade de todos – todos queremos ser felizes e atingir a meta também significa eliminar ou superar o que atrapalha, e isso implica em ter autonomia, que é entendida como ditar as próprias regras, sem depender de nada nem de ninguém.

Na bioética, a palavra autonomia indica, por um lado, a capacidade de tomar decisões e, por outro, o direito de ter respeitada a própria vontade em relação a si mesmo. Aqui reside o ponto delicado, porque não somos indivíduos isolados, mas pessoas consti-

*O princípio da autonomia é central no debate contemporâneo sobre a vida, mas o pensamento contemporâneo tem muitas vezes reduzido a sua aplicação a uma espécie de “direito ao capricho”, não ousando abordar a necessidade original de satisfação total que faria frutificar o anseio de liberdade. Trata-se de um ponto de tensão para o pensamento moderno e pós-moderno, que pode levar a um diálogo construtivo com a tradição cristã.*

tivamente em relação com as outras, dependente delas em muitos aspectos e muitas delas dependendo de nós e de nossas decisões.

No debate sobre a vida, este ideal de autonomia é central. É invocado para o direito ao aborto e a maternidade é, por vezes, vista como um limite à autonomia da mulher para decidir sobre o seu destino nas mesmas condições de que os homens. É invocado quando se trata de fim de vida, uma vez que a extrema dependência dos doentes terminais ou pessoas com deficiência é considerada motivo suficiente para invocar uma morte “digna”.

Estamos diante de um paradoxo que exige um novo passo explicativo. Para que seja plenamente afirmada, a autonomia exige a ausência de condicionamentos internos e externos; mas um sujeito totalmente independente

não teria história nem pertencimento, nem pai nem mãe, nem ideal a propor. Seria um sujeito sem identidade, “líquido”, segundo a famosa metáfora de Zygmunt Bauman, em seu livro *Modernidade líquida* (Rio de Janeiro: Zahar, 2015).

Para superar este paradoxo, devemos ampliar a ideia da pessoa como sujeito isolado e, portanto, repensar a liberdade em conexão com a responsabilidade. A pessoa não é apenas um sujeito que mede as coisas a partir de uma opinião pessoal ou de um apetite momentâneo (um sujeito autorreferencial como diria o Papa Francisco), mas é muito mais: a pessoa, se a observarmos em ação, é uma necessidade do infinito; sua libertação coincide com a satisfação de um desejo que é infinito, mas que ela não tem, dentro de si, a capaci-

dade de realizar, pois vive sempre nos limites das circunstâncias.

A verdadeira autonomia se descobre, então, na ousadia de sustentar essa tensão até o fim e não se contentar com a satisfação dos caprichos. Paradoxalmente, a verdadeira autonomia coincide com a dependência do infinito.

As circunstâncias, os nossos limites e os dos outros não representam, portanto, uma objeção à autonomia, mas uma oportunidade para aprofundar o significado do estar no mundo, para nós e para os outros.

A tradição cristã, em particular da Igreja, representa a expressão mais clara desse anseio que a modernidade descobriu e colocou em primeiro plano e que, na sua evolução, muitas vezes traiu, fechando a razão sobre si mesma, conduzindo muitas vezes a ações violentas. É como se a Igreja dissesse ao mundo: “Não tema o seu desejo, não o reduza, pois a resposta existe, o infinito veio ao encontro do homem!”.

\* Doutor em Filosofia pela Universidade Católica do Sacro Cuore de Milão, Itália, com especialização em Psicologia pela mesma universidade. Pesquisador da Divisão de Estudos de Família e Gênero do CISAV (Centro de Investigación Social Avanzada, Querétaro, México)

# A defesa da vida e o desejo no nosso coração

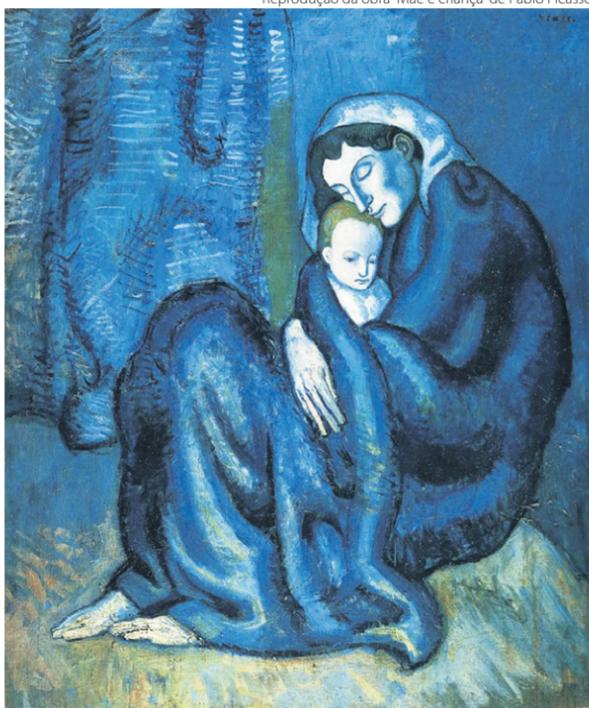
Francisco Borba Ribeiro Neto\*

Se uma mulher muito querida de nossa família, uma filha, irmã, esposa..., sofresse um estupro e engravidasse, o que desejaríamos para ela? Nos debates que acontecem na sociedade, são ofertadas duas opções, abortar ou não abortar, quando muito uma terceira opção no caso de dar ou não a criança para adoção. Objetivamente, são estas as opções. Todas elas, porém, nos deixam com um gosto amargo na boca: nenhuma delas parece corresponder plenamente às exigências mais profundas de nosso coração. Queremos algo mais, procuramos um bem maior, mas qual seria?

Para um justo discernimento sobre aquilo que verdadeiramente nos faz felizes, que verdadeiramente nos realiza, temos que aprender a comparar tudo com as exigências mais profundas de nosso ser, com aqueles grandes desejos que nascem do mais íntimo de nosso coração. Na prática, não costumamos fazer essa comparação. Por comodismo, medo da desilusão, atração por objetivos mais palpáveis, influência da mídia, nos conformamos com a satisfação de desejos imediatos e parciais – que podem até ser bons e justos, mas não correspondem à sede de amor e plenitude que se aninha em nosso ser. Nos momentos mais dramáticos da vida, contudo, só nossas exigências mais fundamentais parecem fazer sentido, ainda que nós muitas vezes, desorientados pela banalidade do cotidiano, não saibamos nem mesmo formulá-las.

Essa confusão, essa desorientação, é a responsável pela indefinição da resposta à pergunta acima formulada. O que desejaríamos para aquela mulher tão amada, tão profundamente ferida? No fundo de nosso ser, o que desejaríamos é a possibilidade de superação de toda dor, que o dia fatídico pudesse ser apagado da história do mundo ou, algo aparentemente tão impossível quanto isso: que do mal pudesse nascer o bem, que a ressurreição pudesse vir após a cruz, que a ternura de um

*O que o ser humano mais deseja, no fundo de seu coração, é uma acolhida à vida, cheia de ternura. Mas, nos momentos mais difíceis e sofridos, como esse desejo pode se manifestar?*



Picasso, *Mãe e criança* (1902)

amor maior fosse capaz de preencher totalmente o coração ferido daquela mulher e o futuro incerto de sua criança.

Bento XVI, perguntado sobre o direito ao aborto, respondeu que a grande questão era a capacidade de fazer renascer a esperança no futuro e a consciência da beleza da vida – e que essa era a mensagem importante dada pela Igreja (cf. [entrevista na volta de sua viagem ao Brasil para a Conferência de Aparecida](#), 09/05/2007). Na *Gaudium et spes* (GS 22) é dito que só Cristo nos revela plenamente a nós mesmos. Aqui, temos um exemplo cla-

ro disso: diante de uma situação dramática, nosso coração anseia por um amor infinito e reparador, algo realmente impossível para a capacidade humana, uma exigência que só conseguimos formular à luz de uma Presença que experimentamos de maneira concreta, ainda que misteriosa, e que nos corresponde plenamente.

Esse verdadeiro milagre não acontece como passe de mágica ou êxtase intimista. Mesmo que se manifeste de forma surpreendente, inesperada, ele acontece por meio de uma companhia humana, por meio da qual Deus nos acolhe e nos ensina a descobrir Sua presença, nos sinais concretos que Ele nos dá cotidianamente. A vida em comunidade é o espaço óbvio para esse aprendizado, mas a radical acolhida daqueles que sofrem, daqueles que precisam ser amados de forma prática e concreta, é o *locus* da lição mais radical e profunda desse aprendizado.

Em muitas obras sociais, se realiza essa acolhida cheia de amor para com a gestante e seu filho. Aqueles que passam por essa experiência, acolhendo ou sendo acolhidos, podem testemunhar como o fato de ser amado e acolhido permitiu a muitas mães a possibilidade de terem seus filhos, nas condições mais dolorosas e difíceis, e serem felizes porque na dor encontraram esse Amor maior.

As legislações em defesa da vida são justas e necessárias, mas precisamos de mais, se queremos encontrar as formas mais humanas de defender a vida. Matar o nascituro não responde ao desejo mais profundo do coração da mãe e daqueles que a amam, mas ela precisa encontrar um amor que a acolha, que a ajude a superar as dificuldades, as suas imensas dores e sofrimentos, tenham essas a origem que tiverem, para poder manter essa gravidez até o fim, com esperança e confiança na beleza da vida. O respeito a uma justa norma ética (a defesa da vida em todas as condições) acarreta um necessário anúncio do amor que acolhe tanto no plano material quanto no afetivo e no espiritual.

\*Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do O SÃO PAULO.

## Livros

### Uma posição humana capaz de acolher incondicionalmente a vida

Redação

A defesa da vida, em nossos tempos, implica em grandes embates de caráter político e legal. Contudo, em seu fundamento e em sua universalidade, trata-se de uma questão de acolhida – acolhida à vida que chega, à vida que se vai, à vida sofrida e violentada, à vida que perdeu tudo. Uma sociedade ideal, em que todos praticássemos a acolhida incondicional a toda a vida, não comportaria a “cultura da morte”.

A acolhida e a hospitalidade estão profundamente arraigadas no coração humano. Encontramos suas manifestações nas mais diferentes culturas, das sociedades tribais ao mundo globalizado. Mas, nas situações-limite, quando aquele que chega – ou mesmo aquele que já está entre nós, mas enfrenta um momento de fragilidade – parece nos incomodar ou nos ame-

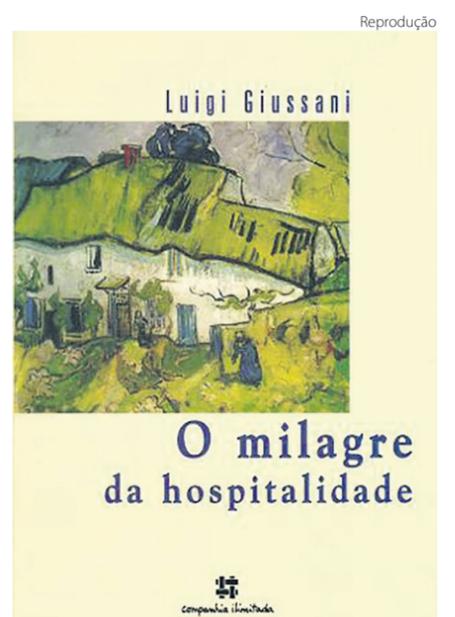
*Em uma sociedade na qual muitas vezes é invocada maior qualidade de vida, raramente vem à tona aquele elemento fundamental que permite à vida ser vivida: a acolhida. Em tal contexto, se torna ainda mais fundamental recuperar as motivações espirituais mais profundas da acolhida.*

çar, o individualismo e a autodefesa parecem muitas vezes falar mais alto. Nesses momentos, a acolhida precisa de um outro fundamento para determinar nossa conduta e até o modo de ser da sociedade.

Os mosteiros beneditinos, pedras fundamentais da reconstrução da civilização europeia no início da Idade Média, se orientam pela Regra de São Bento, que preconiza: “Todos os hóspedes que chegarem ao mosteiro sejam recebidos como Cristo, pois Ele mesmo dirá: ‘Fui hóspede e me recebestes’ [...] O Abade deve se lembrar de que, no juízo final, será questionado sobre

a maneira como tratou os hóspedes” (Capítulo 53). A acolhida incondicional é a maior imitação do amor de Deus que o ser humano pode viver. A acolhida é a realização em grau supremo da caridade, do reconhecimento de Cristo, de Deus que nos amou. Acolhemos porque somos acolhidos; amamos porque somos amados.

O *milagre da hospitalidade* traz conversas entre o sacerdote italiano Luigi Giussani e os membros das Famílias para a Acolhida, uma rede de famílias que se apoiam mutuamente em experiências de acolhimento familiar, tais como adoção, guarda com-



GIUSSANI, Luigi. *O Milagre da Hospitalidade*. São Paulo: Editora Companhia Ilimitada, 2006.

partilhada, hospitalidade e cuidado com idosos, doentes e pessoas com deficiência. Nesses diálogos, se evidencia uma posição humana diversa daquela hegemônica em nossa sociedade, não só capaz de acolher à vida em suas ameaças mais extremadas, mas também no contexto mais trivial da experiência cotidiana das famílias.